



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**SAULO ALVES DOS SANTOS**

**SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE: A CONSTRUÇÃO DE UMA SIMBOLOGIA  
PARTIDÁRIA A PARTIR DA EMANCIPAÇÃO (1953-1966)**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2015**

**SAULO ALVES DOS SANTOS**

**SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE: A CONSTRUÇÃO DE UMA SIMBOLOGIA  
PARTIDÁRIA A PARTIR DA EMANCIPAÇÃO (1953-1966)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

**Orientador:** Prof<sup>o</sup> Ms. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

CAMPINA GRANDE – PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237s Santos, Saulo Alves dos  
Santa Cruz do Capibaribe [manuscrito] : a construção de uma simbologia partidária a partir da emancipação (1953-1966) / Saulo Alves dos Santos. - 2015.  
46 p. : il.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.  
"Orientação: Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque  
Gaudêncio, Departamento de História".

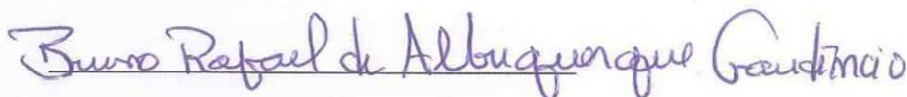
1. Ciência Política 2. Santa Cruz do Capibaribe -  
Pernambuco 3. Emancipação Política 4. História Política I.  
Título. 21. ed. CDD 320

**SAULO ALVES DOS SANTOS**

**SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE: A CONSTRUÇÃO DE UMA SIMBOLOGIA  
PARTIDÁRIA A PARTIR DA EMANCIPAÇÃO. (1953-1966)**

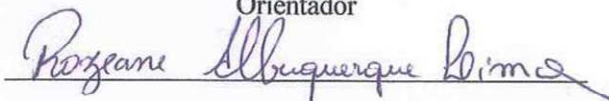
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação em História da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do  
grau de Licenciado em História.

Aprovada em 03/12/2015.



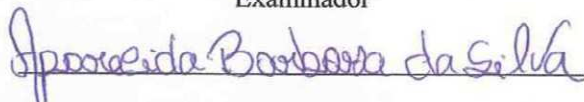
Prof. Ms. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio/ UEPB

Orientador



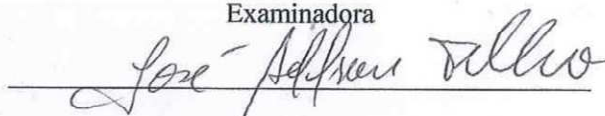
Prof. Ms. Rozeane Albuquerque Lima/ UEPB

Examinador



Profª Ms. Aparecida Barbosa da Silva / UEPB

Examinadora



Prof. Dr. José Adilson Filho / UEPB

Examinador



## DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Dona Nazilda Alves e Biu de Santa por terem me ensinado o valor da ética da moral e o respeito ao próximo, pois mesmo às vezes sobre condições difíceis foram capazes de me dar uma boa educação. Saibam que amo vocês.

À Deus, pois mesmo o questionando e tentando entender os seus desígnios, a cultura que nos foi impregnada não nos permite o negar.

A minha família de um modo geral, pois mesmo distantes pelas correrias da vida sabemos que podemos sempre contar uns com os outros. E por falar em família, dedico esta monografia de uma maneira especial as minhas duas irmãs, Vandeilda e Veralice, pois tendo entendido a importância do conhecimento em suas vidas, contribuíram de maneira significativa pra que eu pudesse também vir a conhecer.

## AGRADECIMENTOS

A todos os professores do curso de história da UEPB pelas colaborações dadas no sentido de contribuir com a nossa formação. Ao professor Bruno Gaudêncio pelas orientações, as indicações e, sobretudo pela paciência.

Quero agradecer também aos inventores das redes sociais WhatsApp e Facebook, Jan Koum e Mark Zuckerberg respectivamente, que de alguma maneira encurtaram a distância entre as pessoas e me deixaram mais “próximo” do meu orientador. (risos...).

Agradeço também a “galera do fundão do busão” que juntos tornamos aquelas viagens mais agradáveis nas idas e voltas entre Santa Cruz do Capibaribe e Campina Grande. Agradeço a João Paulo Porto, Fabrício Arruda, André Pires, Sergio Safadhim, Rodolfo Aragão, Macho, Janielson, Joanna D’ark, Thammy Farias, Anderson (MPO), David Helry, André Eduardo, Filipe Torres, Gilmará Ângela, Ângela Alves, e tantos outros que participaram daquelas longas e cansativas viagens em busca de conhecimento mas que, nem por isso, deixamos de tornar elas agradáveis com debates acalorados, boas conversas, voz e violão e é claro, tudo regado com aquela boa e velha cachaça, aquele bom e velho vinho e aquela cervejinha... O álcool é testemunha de que somos amigos! (risos...).

Por falar em amigo, quero agradecer ao nosso grande motorista Preto que sempre nos levou e nos trouxe com muita segurança e responsabilidade, além de ainda nos agraciar com o seu bom humor, dando aquelas viagens cansativas um tom alegre.

Agradeço a Sr. Antônio do espetinho (Seu Antônio), por nos dar a confiança do bom e velho fiado, além das risadas proporcionadas pelo seu grande senso de humor. “Eu ainda vou ai tomar um chá...”. Agradeço também a dona Bernadete do lanche que também teve a coragem de nos confiar um fiado (Risos...) “Dona Bê... um abraço!”. Agradeço a Bacana do Lanche que também colaborou conosco no sentido “forrar o bucho”.

Também sou muito grato a os colegas do curso de história, em especial a galera da turma 2010.2. Muitas são as lembranças desta maravilhosa turma. Agradeço aqui de uma maneira especial aos amigos Joacir (Panda), Beto Cesar, e Falmer Guimarães, pois de alguma maneira nos tornamos mais próximos a partir dos grupos que formávamos.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que contribuíram direto ou indiretamente pra tornar possível hoje a conclusão dessa etapa da minha vida. Obrigado!

“As razões que me motivaram a escolher este caminho estão diretamente relacionadas com as questões que me cercam na contemporaneidade, pois o meu olhar sobre o passado carrega as imagens da minha época, as indefinições do meu tempo, as cores pouco nítidas das minhas inquietações.” (REZENDE, 1997, p.15).

## RESUMO

A proposta desse trabalho é analisar como se desenvolveu a construção do capital político das facções partidárias de Santa Cruz do Capibaribe, Pernambuco, no período que vai da emancipação até seus primeiros 14 anos de governo (1953-1966). Dentro dessa análise buscamos entender a partir da teoria do poder simbólico de Pierre Bourdieu (1989) que capitais políticos foram importantes na construção dessas facções político-partidárias, analisando o processo de emancipação política desta sociedade como ponto de partida na construção dessas facções, além de tomarmos como objeto de análise a figura de Raimundo Aragão, considerado importante dentro desse contexto. A partir disso, buscaremos dialogar com uma realidade atual, procurando entender quais práticas se configuraram como permanência num processo de longa duração. Historiograficamente esta pesquisa se encaminha na perspectiva da “Nova História Política”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poder Simbólico, Raimundo Aragão, Santa Cruz do Capibaribe, Emancipação Política, Facções Político-partidárias.

## ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze how it developed the construction of the political capital of party factions of Santa Cruz do Capibaribe, Pernambuco, in the period of emancipation to his first 14 years in office (1953-1966). Within this analysis we seek to understand from the theory of symbolic power Pierre Bourdieu (1989) that political capital were important in building these party-political factions, analyzing the political emancipation process of this society as a starting point in building these factions, and we take as the object of analysis to figure Raimundo Aragão, considered important in this context. From this, we seek dialogue with a current reality, trying to understand which practices are configured as stay in a long-term process. Historiographically this research is heading in the context of the "New Political History".

**KEYWORDS:** Symbolic Power, Raimundo Aragon, Santa Cruz do Capibaribe, Emancipation Policy, Political Factions partisan.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura nº 1 – Vila de Santa Cruz

Figura nº 2 – Raimundo Aragão em 29 de Dezembro de 1953

Figura nº 3 – Miguel Arraes e Raimundo Aragão em outubro de 1989

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>16</b>
<b>1.1 Passado e presente, um breve diálogo.....</b>	<b>17</b>
<b>1.2 Santa Cruz do Capibaribe: um breve histórico.....</b>	<b>19</b>
<b>1.3 A construção de uma ideologia partidária a partir da emancipação.....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>28</b>
<b>2.1 Raimundo Aragão, a construção de um capital simbólico.....</b>	<b>29</b>
<b>2.2 Raimundo Aragão e a conjuntura política nacional.....</b>	<b>33</b>
<b>2.3 Boca Preta” e “Cabecinha”: a identificação das facções político-partidárias em Santa Cruz do Capibaribe a partir de suas nomenclaturas.....</b>	<b>36</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

A cidade de Santa Cruz do Capibaribe fica localizada no agreste setentrional do estado de Pernambuco, distante 190 quilômetros de sua capital Recife. Em termos estruturais, é considerada a terceira maior do agreste pernambucano, ficando atrás de Caruaru e Garanhuns respectivamente. No campo econômico destacam-se na produção de roupas, que é seu principal sustento financeiro dos últimos 50 anos. Para a comercialização destas confecções possui hoje uma das maiores áreas cobertas de feira da América Latina, o Moda Center Santa Cruz<sup>1</sup> que recebe em média 30 mil pessoas por semana, sendo que esse número praticamente triplica em períodos de aquecimento nas vendas entre os meses de maio/junho e novembro/dezembro de cada ano. Segundo o IBGE 2010, possui uma população em torno de 90.000 habitantes, entretanto, estima-se que atualmente (2015) possua uma população em torno de 101.000 habitantes, tendo como distrito os povoados de Pará e Poço Fundo.

Embora esta população tenha se destacado de forma significativa no cenário nacional a partir de sua economia voltada para a produção de roupas, a nossa pesquisa não se encaminhará por essa perspectiva. Aqui nos deteremos a analisar o cenário político da história desta sociedade, pois se trata de algo impar, singular, capaz de atrair uma série de estudos sobre suas práticas e seus desdobramentos ao longo de sua história.

A proposta desse estudo parte do interesse em analisar criticamente a formação dos embates político-partidários vivenciados nesta localidade. Para isso colocamos os atores e suas tramas dentro de uma análise bibliográfica de obras já trabalhadas em outras oportunidades nesta sociedade, ou seja, buscamos referenciais teóricos e narrativos já utilizados para outros trabalhos voltados para a história política de Santa Cruz do Capibaribe-PE. Tais referenciais teóricos foram utilizados dentro da historiografia e até mesmo da sociologia para nos guiar nesta pesquisa, tentando assim entender, como se desenharam as tramas políticas desta sociedade ao longo dos seus primeiros anos. Para isso, buscamos recursos teóricos nas obras: “O poder Simbólico” do sociólogo Pierre Bourdieu (1989) analisando por essa perspectiva algumas questões como: quais os capitais políticos criados neste cenário? A partir de quais práticas foram estruturados? E que elementos lhes deram legitimidade ao longo dessa trajetória? Trabalhamos também com a Biografia do professor

---

<sup>1</sup> Inaugurado no ano de 2006, o Moda Center Santa Cruz é o maior centro atacadista de confecções do Brasil. Reúne mais de 10 mil pontos comerciais, entre boxes e lojas, onde são comercializadas peças no atacado e no varejo.

Lindolfo Pereira de Lisboa<sup>2</sup> (1991), intitulada; “Raimundo Aragão: sua vida suas obras”, onde nesta, buscamos referenciais numa perspectiva mais narrativa, já que se trata da única biografia do primeiro prefeito eleito de Santa Cruz do Capibaribe-PE. Entendemos a partir desta leitura, que o mesmo também foi peça fundamental na emancipação política desta cidade. Outra obra que utilizamos do Professor Lindolfo Pereira de Lisboa, foi a “Biografia do Pe. Zuzinha”, onde , nesta nos utilizamos também de suas características narrativas para entendermos o processo de formação de Santa Cruz do Capibaribe. Dialogamos também com a monografia do historiador Gilson Julião<sup>3</sup> (2010), intitulada; “Cultura política em torno da figura do Pe. Zuzinha em Santa Cruz do Capibaribe-PE (1968-1986)”. Nesta, analisamos características do período estudado além do contraponto que o autor faz com o biógrafo de Raimundo Aragão em sua obra. O diálogo se dá a partir da discussão sobre a liderança ou não da figura de Raimundo Aragão no processo de emancipação, já que na obra do Lindolfo Pereira de Lisboa, há uma clara exaltação da figura de Raimundo Aragão, isso porque o biógrafo tinha uma grande simpatia e amizade com o mesmo. Analisamos também a partir dessa pesquisa, características do primeiro governo de Raimundo Aragão além das nomenclaturas que representaram as facções ao longo dessa trajetória.

Utilizamos também como objeto de análise a monografia do historiador Hélio Cordeiro<sup>4</sup>, que tem como título; “Patrícios e Cordeiros: a construção de um capital político no município de São Vicente do Seridó-PB (1961-1982)”, utilizada como base comparativa numa analogia, tanto com a época, quanto com as práticas políticas, que de certo modo tornam-se importantes dentro desta perspectiva historiográfica. Dialogamos também com a obra do professor José Adilson Filho<sup>5</sup> (2009), intitulada “A cidade Atravessada: velhos e novos cenários na política belo-jardinense”. Esta nos serviu também como referencial teórico dentro deste contexto, já que trata de um assunto extremamente peculiar com o que se pretende nesta pesquisa. A mesma fala do capital político e do poder simbólico produzido e vivenciado na cidade de Belo Jardim-PE<sup>6</sup>, onde as famílias Cintra e Mendonça se revezaram

---

<sup>2</sup> Professor em Santa Cruz do Capibaribe entre as décadas de 1980 e 1990. Escreveu duas biografias, a do Padre Zuzinha e a de Raimundo Aragão.

<sup>3</sup> Historiador santa-cruzense formado graduado no ano de 2010 pela UEPB.

<sup>4</sup> Historiador São Vicente do Seridó de recém formado pela universidade estadual da Paraíba.

<sup>5</sup> Possui graduação em História pela Faculdade de Formação de Belo Jardim (1993), mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2002) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2011). Atualmente é professor titular da Universidade Estadual da Paraíba e professor de história da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru. Tem experiência na área de História, com ênfase em Teoria e Filosofia da História, atuando principalmente nos seguintes temas: cidade, estigma e segregação sócioespacial, elites, cidade, poder local, teoria da história, novos paradigmas, cidade, estigma e segregação sócioespacial e poder local, educação e cultura.

<sup>6</sup> A cidade fica localizada no agreste setentrional do estado Pernambuco distante 180Km do Recife.



no poder durante quarenta anos, impossibilitando qualquer via alternativa a estas de chegar ao poder.

Este trabalho historiograficamente se apresenta na perspectiva da “Nova História Política”,<sup>7</sup> por isso tomamos também como referencial teórico a obra “Por uma História política” que tem o historiador político René Rémond como organizador. É a partir deste referencial que nos guiamos nesta perspectiva teórico-metodológica, enquadrando esta monografia nos caminhos percorridos pela obra citada. Além disso, tomamos como base este referencial para entendermos que assim como a história das sociedades sofrem seus resignificados, a história política, (a que nos detemos aqui), também sofreu várias mudanças, principalmente entre os séculos XIX e XX. A partir desta obra entendemos como estes resignificados tornaram a história política um dos principais meios para se compreender a sociedade, já que desde sua proposta inicial, esta se preocupava em analisar os documentos oficiais do estado para se reproduzir. Posteriormente este modelo historiográfico é substituído pela proposta da Escola dos Annales<sup>8</sup>, dando lugar a uma história econômica e social. Nesse sentido Rémond (2003) propõe uma análise em que a história é vista como um campo de batalha, tendo seu território estruturalmente organizado de acordo com os designios dos que até então eram considerados vencedores. E como é de práxis os vencedores ideologicamente legitimam seu lugar a partir de uma crítica aos vencidos, Rémond (2003) ainda pontua: "era, pois, provavelmente inevitável que o desenvolvimento da História econômica e social se fizesse às custas do declínio da história dos fatos políticos, daí em diante lançada num descrédito aparentemente definitivo". (REMOND 2003, p. 14.). Diante dessa crítica o autor nos traz uma reflexão em que nos mostra uma interdisciplinaridade entre o estudo da história política e outras áreas do conhecimento, mostrando que a história política irá se resignificar mais uma vez, saindo da condição de negligenciada para se tornar um dos principais pressupostos para a compreensão da sociedade, pois o fator político está interligado com o social, cultural e o econômico.

Dentro desta pesquisa trabalhamos também com os recursos teóricos da história oral que por muito tempo foi marginalizada na historiografia. Esse recurso historiográfico ganhou força durante o século XIX, quando foi inventado o gravador de fitas. De acordo com Alberti (2005): “O trabalho com história oral se beneficia de ferramentas teóricas de diferentes

---

<sup>7</sup> Nova história Política é a corrente historiográfica surgida nos 1970 e 1980, e correspondente à terceira geração da chamada Escola dos Annales.

<sup>8</sup> Fundada por Lucien Febvre e March Bloch em 1929, propunha-se a ir além da visão positivista da história como crônica de acontecimentos, substituindo o tempo breve da história dos acontecimentos pelos processos de longa duração, com o objetivo de tornar inteligíveis a civilização e as "mentalidades".

disciplinas das Ciências Humanas, como a Antropologia, a história, a Literatura, a Sociologia e a Psicologia por exemplo. Trata-se, pois, de metodologia interdisciplinar por excelência”. (PINSK, ALBERTI, 2005, p.156). Dentro dessa perspectiva, trabalhamos com entrevistas gravadas durante a trajetória desta pesquisa.

Seguindo os critérios preestabelecidos pelas teorias da história oral, entrevistamos pessoas consideradas importantes nesse contexto. Entre essas pessoas temos: O senhor Severino Celestino dos Santos<sup>9</sup>, cidadão participativo no contexto político social desta sociedade; o professor universitário Edson Tavares<sup>10</sup>, redator do extinto “Jornal Capibaribe” que circulava nesta cidade no período estudado, analisamos também entrevistas concedidas por ele, que fazem parte de seu arquivo pessoal e nos falam muito sobre a política santa-cruzense, além do vereador Fernando Aragão,<sup>11</sup> sobrinho do então prefeito Raimundo Aragão na época, considerado extremamente importante nesse contexto, bem como, o professor José de Oliveira Góes<sup>12</sup> (Jota Oliveira) que é considerado hoje um dos maiores pesquisadores da história dessa cidade, o mesmo contribuiu com informações tanto de suas pesquisas, quanto de suas memórias.

A proposta deste trabalho parte do interesse deste pesquisador em tentar entender algo vivenciado na prática, pois embora não tendo vivenciado o referido recorte historiográfico anteriormente mencionado, tais práticas desenvolvidas nos primeiros anos da política santa-cruzense se caracterizam como permanências, pois refletem na atualidade. Diante disso, procurou-se entender a polarização dos dois partidos que continuam vivos e fortes, se revezando no poder e regendo a política santa-cruzense sem permitir que uma via alternativa fosse vitoriosa em nenhuma de suas tentativas, que, diga-se de passagem, foram poucas, se comparadas ao tempo em que as alas partidárias se mantiveram no poder dentro dessa conjuntura, ou seja, desde a emancipação política em 1953 até os dias atuais. Tal perspectiva nos motiva a mencionar as palavras que o professor Adilson Silva cita em sua obra, parafraseando (REZENDE, 1997,p.15), “as razões que me motivaram a escolher este caminho

---

<sup>9</sup> Aos 76 anos de idade, embora aposentado, ainda exerce a função de sapateiro. Considerado um grande memorialista, é um grande conhecedor da política de Santa Cruz do Capibaribe.

<sup>10</sup> Doutorado em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba; Mestrado em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco; Especialização em Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patrocínio-MG; Especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru; Graduação em Letras (Licenciatura) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru. Redator e Revisor do Jornal Capibaribe.

<sup>11</sup> Candidato a vice-prefeito no ano de 1996, e candidato a prefeito no ano 2000, por uma via alternativa. Foi vereador por vários mandatos, presidente da câmara de vereadores de Santa Cruz do Capibaribe e atualmente exerce um mandato de vereador.

<sup>12</sup> Formado em Língua portuguesa pela faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru. É um grande memorialista dos fatos históricos de Santa Cruz Capibaribe, atualmente exerce a função de comentarista político na rádio Comunidade FM.

estão diretamente relacionadas com as questões que me cercam na contemporaneidade, pois o meu olhar sobre o passado carrega as imagens da minha época, as indefinições do meu tempo, as cores pouco nítidas das minhas inquietações.” (ADILSON FILHO, 2009, p, 49).

Atualmente a política de Santa Cruz do Capibaribe ganhou novos traços, mas estes foram adicionados a antigas e velhas práticas, das quais tentaremos entender a partir deste trabalho. Diante disso, nos referenciaremos mais uma vez nas palavras do professor Adilson Filho que diz:

Na contemporaneidade, somos instados a reconhecer que fazemos parte de uma engrenagem que nos atravessa por todos os lados, do macro ao micro. Principalmente quando esta engrenagem manifesta-se numa escala micrológica como é a vida dos pequenos municípios, locus de reciprocidade intensa, entre os indivíduos e a história. (ADILSON FILHO, 2009 p. 79)

Nessa perspectiva, nos cabe dentro desta pesquisa, buscar compreender que engrenagens nos atravessam nesse contexto? Que conceitos de verdades foram atribuídos a esta sociedade ao longo dos anos? Outra questão fundamental que pode ser percebida nesse sentido, é que, embora nosso recorte temporal esteja um pouco distante da atualidade é interessante notar que muito do que foi constituído no passado permanece no presente se caracterizando como uma “longa duração”, como por exemplo, “as verdades” construídas no imaginário social da população santa-cruzense ao longo dos anos. É nesse sentido que iremos buscar no passado uma explicação não necessariamente lógica para a realidade atual, mas que possa, ao menos, nos relatar sobre muitos dos porquês das tramas políticas vivenciadas hoje. Sobre isso entendemos que:

A história contém uma dimensão religiosa, se entendermos que *religare* no latim significa ligação. Assim a história liga o presente ao passado, os vivos aos mortos. De modo que por mais contemporânea que seja a nossa reflexão histórica, ele sempre será tributária do passado. No entanto presente é sempre um ponto de partida para qualquer investigação histórica, pois é a partir dele que sentimos o desejo de conhecer e explicar as experiências humanas. (ADILSON FILHO, 2009 p. 81)

É nesse sentido que tomamos como objeto de estudo os fatos políticos vivenciados na cidade de Santa Cruz do Capibaribe-PE, pois embora nosso recorte nos limite até o ano de 1966, este período estudado nos falará muito sobre a realidade atual, e responderá anseios de vários cidadãos desta sociedade, tentando entender como a política partidária consegue ser tão forte e presente na cultura deste povo? No recorte estudado estão contidas análises sobre os pontos de partida desta trajetória político-social. Outro fator importante que nos motiva para escrever sobre a política santa-cruzense é que este trabalho possa vir a contribuir para o legado da nossa história, já que, adicionado a outros, pode vir a servir como objeto de análise para pesquisas futuras sobre esta sociedade.

Dentro de uma perspectiva estrutural, esta monografia se encaminhará a partir de dois momentos. No primeiro capítulo, analisamos a conjuntura inicial, onde se formam as ideologias partidárias desta sociedade, analisando suas configurações a partir do processo emancipatório bem como os primeiros anos de Santa Cruz como cidade recém-formada. Já no segundo capítulo, analisamos que elementos foram utilizados para legitimar o poder simbólico da figura do Raimundo Aragão<sup>13</sup> como principal líder de sua ala partidária, durante os primeiros 14 anos de Santa Cruz do Capibaribe como cidade emancipada, buscando situá-lo numa conjuntura político nacional, e procurando entender que fatores contribuíram para sua queda nos embates políticos de nossa história? Além de buscarmos entender também, que capitais representativos foram usados para que tais fatos históricos analisados viessem a se constituir? Ainda dentro deste capítulo analisamos também, as nomenclaturas das facções político-partidárias e os motivos pelos quais se estruturam o imaginário social, fazendo um rápido diálogo com a atualidade.

---

<sup>13</sup> Foi prefeito de 1955 a 1959 e de 1963 a 1968.

**CAPÍTULO I**

**SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE: A CONSTRUÇÃO DE UM CAPITAL POLÍTICO  
PARTIDÁRIO**

## 1.1 Passado e presente, um breve diálogo.

A historiografia sofreu vários ressignificados ao longo de sua produção, e de acordo com a Escola dos Annales, a historiografia da coletividade tornou-se mais significativa que a historiografia política do século XIX. A partir disso, os grandes movimentos como os econômicos e sociais passaram a ter um lugar privilegiado no campo do estudo histórico sobre as sociedades. Segundo Rémond:

Seus pressupostos eram que os comportamentos coletivos tinham mais importância para o curso da História que as iniciativas individuais, que os fenômenos registrados numa longa duração eram mais significativos e mais decisivos que os movimentos de fraca amplitude, e que as realidades do trabalho, da produção, das trocas, o estado das técnicas, as mudanças de tecnologia e as relações sociais daí resultantes tinham mais consequências, e, portanto, deviam ter maior atenção dos observadores, que os regimes políticos ou as mudanças na identidade dos detentores de um poder cujas decisões, se entendiam, só faziam traduzir o estado das forças sociais, ou refletir realidades anteriores as escolhas políticas. (REMOND 1988, p.16.)

Dentro dessa perspectiva ideia de comportamentos coletivos nos remete também a ideia de uma identidade coletiva, já que o comportamento diz muito sobre o modo de ser de uma determinada pessoa ou sociedade, nesse caso revela-se de certa forma sua identidade. Partindo desse pressuposto, para que se possa adentrar de fato na historiografia das facções político-partidárias de Santa Cruz do Capibaribe é coerente citar aqui os versos do poeta popular Luciano Araújo das Neves<sup>14</sup>, pois o mesmo consegue traduzir de uma maneira simples e objetiva o imaginário social da coletividade santa-cruzense. Embora o poema tenha sido escrito na atualidade, ele traduz muito do que a política representa para esta sociedade, cabendo analisá-lo como uma produção do tempo presente, mas que pode ser visto como uma ligação com o passado já que, “por mais contemporânea que seja a nossa reflexão histórica, ele sempre será tributária do passado” (ADILSON FILHO, 2009 p. 81). Vejamos o poema:

Vou fazer uma poesia contando uma história verídica  
 Na verdade eu queria mesmo era fazer uma crítica  
 Pelo amor de Jesus o povo de santa cruz é apaixonado por política  
 A oposição crítica a situação tenta dar uma resposta  
 Quem tem amigo do outro lado com o próprio amigo se desgosta  
 E no tempo da eleição rola mais de um milhão de reais só em aposta  
 A passeata é o que o povo gosta, parece uma micareta  
 Um dia eu fui numa loja comprar uma camiseta  
 Meu irmão eu juro a tu, só porque era azul já disseram: “o poeta é boca preta”  
 Eu fui comprar uma prancheta, lá embaixo numa lojinha  
 Pra guardar meus caderno, os lápis essas coisinha  
 Só porque era “vermea” me disseram eita cor “fea” o poeta é taboquinha  
 E essa tal de lambadinha? Home por “Nossa Senhora”  
 O caba bota no som no carro, puin no canto e vai simbora  
 O dia todim ripitando e o eleitor só ouvindo e fazendo o “V” da vitória

<sup>14</sup> Radialista e poeta santa-cruzense.

E eu quero contar agora sobre os caba que carrega político, pense numa paixão profunda?  
 O caba pegou o candidato e levanto-lo pela bunda, no meio da multidão andou quatro quarteirão com o político na cacunda  
 E teve um dia de segunda, que eu só faltei explodir  
 Quando eu tava cochilando veio um carro de som tocando, somente preu num durmir  
 O caba dizia: “alô santa cruz minha paixão”  
 Eu ligava a televisão mas nem podia assistir  
 E quando eu vim morar aqui eu fiquei admirado  
 O caba ganhou na eleição, numa aposta, um carro novo, zerado  
 Disse eu não quero o carro não, que ele é lá do outro lado  
 Levo-lo pra passeata pulou encima da lata deixo-lo todo amassado  
 Nos comício é engraçado, o povo faz o que o candidato quer  
 É todo mundo aplaudindo tem o forró do minino e tem o forró do Zé  
 Se o candidato mandar o caba se abaixar não fica ninguém em pé  
 Isso foi uma crítica, política, poética que eu preparei pra vocês  
 Veja quem se elegeu se as coisas que prometeu se na verdade ele fez  
 Faça uma escolha certa, dê um voto no poeta em 2016. (NEVES, 2014)

Embora no último verso o poeta tenha expressado uma clara intenção de candidatura para o pleito eleitoral de 2016, nos versos anteriores ele é enfático, capaz de traduzir em suas estrofes muito do que se vê na política santa-cruzense, a saber, o bipartidarismo que aqui reina, além de suas nomenclaturas: “Boca Preta”<sup>15</sup> e “Taboquinha”<sup>16</sup>, sendo que ambas de maneira representativa têm suas devidas cores, azul e vermelho respectivamente.

A questão das apostas não se trata de um exagero poético, de fato elas acontecem, principalmente às vésperas das eleições municipais. É como se essa cidade mudasse de comportamento durante esses períodos, pois de repente vizinhos que se davam muito bem, acabam se desentendendo por questões político-partidárias. É comum nesses períodos de ano eleitoral um aumento no número de queixas por perturbação de sossego, onde os queixosos relatam insultos com palavras de baixo calão, quando não, alguns boletins de ocorrência relatam que vizinhos chegaram às vias de fato. Todas essas questões nos remetem ao que nos apresentou o professor Adilson Filho quando nos diz: “Na contemporaneidade, somos instados a reconhecer que fazemos parte de uma engrenagem que nos atravessa por todos os lados, do macro ao micro”. (ADILSON FILHO, 2009 p. 79). Ou seja, tal engrenagem não trata somente de algo presente, mas que está além, vinculada ao passado, construída ao longo do tempo como verdades que foram se constituindo a partir de um discurso que na maioria das vezes, atendia aos interesses de uma minoria, mas que fora transformada e adaptada para o interesse dos demais. Ainda segundo Adilson Filho, podemos perceber que, “a identidade

<sup>15</sup> Boca-preta: denominação dada a um dos grupos políticos de Santa Cruz do Capibaribe. Surgiu aproximadamente na década de 1960.

<sup>16</sup> Taboquinha: denominação dada a um determinado grupo político de Santa Cruz do Capibaribe – PE. Surgiu no ano de 1998, quando o então vereador José Augusto Maia muda o nome do partido pelo fato de ter conseguido a reversão da água de Tabocas para Santa Cruz do Capibaribe. Este partido, antes era denominado “cabecinha” nomenclatura esta que surge por volta dos anos 70 sob a liderança do então candidato Severino Monteiro.

de uma região ou de um povo é fruto de uma invenção, de uma prática discursiva, apoiada em imagens que procuram dar conta de uma generalização e de uma enorme variedade de experiência vivida”. (ADILSON FILHO, 2009, p.26). Neste caso, nas linhas que se seguem, pretendemos analisar como essas imagens foram construídas e que práticas discursivas lhes deram legitimidade?

É a partir dos períodos iniciais da sociedade santa-cruzense que tais práticas tomam forma, principalmente a formação das facções político-partidárias ao longo dos primeiros anos de formação de Santa Cruz do Capibaribe, quando esta deixa de pertencer ao município de Taquaritinga do Norte e torna-se cidade.

## **1.2 Santa Cruz do Capibaribe: um breve histórico**

Antes de se tornar cidade, Santa Cruz do Capibaribe pertencia ao município de Taquaritinga do Norte-PE. Entretanto no ano de 1953 depois de várias tentativas feitas pelo seu povo, conseguiu se emancipar politicamente, porém, antes de entrarmos nesse período é necessário que se faça uma rápida abordagem sobre como surgiu esse centro urbano enquanto povoado.

Segundo o que nos conta Araújo<sup>17</sup> (2008) sobre esse lugar, é que o mesmo passa a ser ocupado por volta do ano de 1750, quando um português chamado Antônio Burgos vem morar nessa região. Os motivos que o trouxeram estavam ligados a questões de saúde, dando conta de que o português necessitaria procurar terras com climas secos, pois a temperatura iria lhe auxiliar no tratamento de uma doença grave, da qual os textos não especificam com precisão, apenas relata a gravidade da mesma. Vejamos:

Por volta de 1750 vivia no Recife capital da Província de Pernambuco um português chamado Antônio Burgos. Tendo adoecido seriamente de um mal grave, talvez incurável para a época, foi aconselhado pelos médicos a procurar um clima mais ameno, no sertão, por exemplo, onde encontrasse um clima salubre e seco. (ARAÚJO, 2008, p. 13).

Ainda segundo Araújo (2008), “após se fixar na região Antônio Burgos: construiu uma capela de taipa, no interior da qual colocou imagens sagradas, inclusive um crucifixo de madeira”. (ARAÚJO, 2008, p. 13). É interessante pontuar que embora essa história tenha se construído no imaginário social da população santa-cruzense, há certa discordância feita por

---

<sup>17</sup> Considerado auto de data, Júlio Ferreira de Araújo escreve seu livro intitulado: “A história de Santa Cruz”. Basicamente todo contexto do livro é escrito a partir de suas memórias.



alguns historiadores que já pesquisaram este período histórico. Uma das questões fundamentais é a escassez de fontes, e outra é que, mesmo tais fontes escassas elas não contribuem com o caráter investigativo da história. As principais fontes são o crucifixo e a imagem do Senhor Bom Jesus dos Aflitos que foram encontrados dentro da capela de taipa, que segundo relatos, teria sido construída pelo português auxiliado por seus escravos. Mas que, segundo Araújo (2008): “apesar dessa, ser a versão de que se têm notícias, há alguns pontos que sempre serão questionados, entre elas destaca-se a origem do nome “Burgos” e o fato de não existir registro de nenhum descendente de Antônio Burgos e de nenhum de seus escravos”. (ARAÚJO, 2008, p. 13). Ainda sobre essas questões, o historiador Gilson Julião (2010) pontua: “embora entendamos que muitos vestígios se perdem e são ocultados no contexto da história por motivos diversos, não podemos cair no erro de historicizar algo sem uma comprovação que se dê através de vestígios e fontes que nos possibilite construir essa história”. (JULIÃO, 2010, p. 12). Ou seja, o que podemos perceber é que, não existe uma fonte palpável que possa dar sustentabilidade a essa teoria, já que mesmo na oralidade e no imaginário social a ideia tenha se disseminado, ela não permite um diálogo, conta-nos apenas que Antônio Burgos esteve na região, mas não há nada que auxilie uma pesquisa mais concreta e mais profunda.

Diante disso, a versão histórica que consegue promover um consenso entre os historiadores sobre o início da formação desta sociedade data de 1874, quando o então Pe. Ibiapina<sup>18</sup> construiu a primeira igreja sobre a capela que “fora erguida” por Antônio Burgos. Sobre isso é importante compararmos os textos do historiador Gilson Julião (2010) e o professor Lindolfo Pereira de Lisboa (1990). Vejamos:

Professores, pesquisadores e estudantes do campo de atuação dos historiadores fazem um debate a partir de registros palpáveis sobre a origem do lugar. Os debates se dão a partir do caso da torre da nave central da Igreja Matriz da cidade, que tem sua inscrição datada de 1874, pelo Padre Ibiapina, como melhor meio para compreender em que contexto surge esta localidade. (JULIÃO, 2010, p. 11).

Pe. Ibiapina é o verdadeiro fundador de Santa Cruz do Capibaribe. Não vejo nenhuma razão pra se dar esse título a Antônio Burgos. Um enfermo que acampou aqui para aproveitar o clima sadio e recuperar a saúde. O fato de Burgos construir a capela onde está hoje a Igreja Matriz, não o atesta como fundador desta cidade. Naqueles tempos todo mundo era católico, especialmente os portugueses e espanhóis. Não era surpreendente que um homem de posses como Antônio Burgos construísse uma capela, até mesmo uma catedral. (...) fundador de verdade, autêntico e com provas cabíveis é o Pe. Ibiapina, que em 1874 levantou a Igreja sobre as ruínas da capela de Burgos. A obra de Ibiapina é hoje a Igreja Matriz. Burgos desapareceu sem deixar notícias nem rastros. E todo brasileiro sabe que nossas

---

<sup>18</sup> O Padre José Antônio Pereira Ibiapina, no percurso do século XIX, no interior do Nordeste brasileiro, deixou marcas significativas, não apenas na organização posterior da Igreja, mas, sobretudo, na vida das pequenas comunidades desta região.

povoações, futuras cidades, todas elas, nasceram nos oitões das igrejas. (LISBOA, 1990, p. 24).

Nesse sentido, entendemos que a versão mais propagada e embasada da história desse povo está ligada diretamente a construção da Igreja Matriz, construída pelo Pe. Ibiapina em 1874. Posteriormente a isso, este povoado veio a se tornar vila de Taquaritinga do Norte, quando esta se tornou cidade durante o século XVIII.

**Figura 1 – Imagem da vila de Santa Cruz, início da década de 20 do Séc. XX.**



Fonte: Professor Arnaldo Viturino.

### **1.3 A construção de uma ideologia partidária a partir da emancipação**

Antes de conseguir se emancipar politicamente em 1953, a população de Santa Cruz do Capibaribe já havia feito várias tentativas. À Taquaritinga do Norte não interessava que a vila de Santa Cruz viesse a se separar daquele município. Um dos principais motivos que podemos destacar nesse contexto é que, a arrecadação da vila de Santa Cruz era de extrema significância. Segundo Lisboa (1991): “pela arrecadação de 1942: o município rendeu Cr\$ 80.000,00 (Oitenta mil cruzeiros) e pelos dados da prefeitura este ano promete ser muito maior”. (LISBOA, 1991, p. 47.). A partir destas informações nos cabe entender que os representantes da vila de Santa Cruz já viam a possibilidade de se emancipar politicamente de Taquaritinga do Norte, podendo a partir de daí começar um governo próprio com capacidade financeira de gerenciar uma grande quantidade de obras das quais, segundo relatos eram sempre negadas pelo município sede. É importante mencionar que Lisboa (1991) construiu parte da sua obra a partir de documentos que foram enviados principalmente ao Interventor<sup>19</sup> Federal Dr. Agamenon Magalhães. Esses documentos geralmente continham detalhes

---

<sup>19</sup> Interventor Federal: denominação do Governador nomeado por Getúlio Vargas.

estruturais e econômicos mostrando a capacidade que a então vila já possuía, e a partir disso, tentava legitimar sua aspiração de se tornar cidade, tais documentos quase sempre eram acompanhados por um abaixo-assinado que continham assinaturas de cidadãos locais. Nesse período a economia da vila Santa Cruz já se destacava no mercado regional, onde podemos mencionar mais uma vez o texto de Lisboa (1991) que relata:

Produce, especialmente, algodão, caroá, castanha-de-caju, e etc. Exporta uma regular quantidade de ovos, e aves. Em 1942 exportou cerca de 70.000kg de castanhas; 2.200.000kg de mamona. Toda semana exporta para Recife, Victória e Limoeiro cerca de 15.000 peças de cordas de caroá. (LISBOA, 1991, p. 47).

É possível perceber a partir destas informações que, mesmo sendo vila, Santa Cruz já possuía uma economia desenvolvida, mas que seus moradores, principalmente os comerciantes, viam na emancipação o ponta pé inicial para a construção de uma nova sociedade, sendo possível a partir do controle de suas finanças, investir em sua infraestrutura já que, o que se pode perceber a partir das leituras, é que o povo de Santa Cruz se sentia injustiçado pela falta de aplicação e retorno financeiro dos tributos cobrados para as necessidades da vila. Isso fica bem claro nas palavras do advogado José Álvaro mais conhecido como José Pacas que fora aluno do então Interventor Federal Agamenon Magalhães do curso de direito na Faculdade do Recife. O advogado escreveu uma carta ao Interventor que fora transcrita na obra de Lisboa (1991) em que em um dos trechos escritos diz:

Desejamos nossa emancipação porque queremos fazer alguma coisa por nós mesmos. Santa Cruz tem talvez uma das maiores feiras do estado, em lugares do seu tamanho. Um distrito que rende 70 a 80 mil cruzeiros anuais, mesmo assim não tem o direito a um pequeno açougue. A carne é vendida, exposta ao sol e à poeira; já não digo um mercado, pois um mercado para uma feira do tamanho da nossa, não seria todo município que pudesse ter. Não temos direito a um reservatório de água. O açude existente é um barreiro. E neste, algum serviço de que precisa é feito por conta do povo. Agora mesmo, estamos atravessando uma das crises mais sérias por causa do precioso líquido. Compra-se a carga a Cr\$ 6,00 e dias há em que nem por Cr\$ 20,00 se encontra. (LISBOA, 1991, p. 59).

Diante de tais informações nós podemos perceber de uma maneira clara que a população santa-cruzense via na emancipação a oportunidade de reger seus próprios destinos. Por isso não foram poucas as tentativas de se emancipar. Segundo informações de Lisboa (1991) a primeira tentativa data de 1929 quando:

Raimundo Aragão tinha apenas 18 anos de idade. Muitas peregrinações foram realizadas com aquele objetivo. Taquaritinga reagia, muitas vezes, com perseguições em nome da unidade do município. (...) No dia 21 de janeiro de 1931, às 21 horas, a vila foi invadida pelo delegado de Polícia de Taquaritinga, a frente de oito soldados para hostilizar os santa-cruzenses. (LISBOA, 1991, p. 39-40).

Uma das questões fundamentais que se pode perceber nesses pequenos fragmentos textuais é que a ideia de facções já está totalmente encorpada, e que é a partir dela que irá se desenhar as novas ideologias que viriam a se configurar no imaginário social da então vila de Santa Cruz. É a partir da emancipação político da vila de Santa Cruz que se iniciam as tramas políticas desta sociedade. Levando em consideração a ideia de pertencimento nós podemos perceber que parte da sociedade santa-cruzense se posicionava a favor da emancipação, e a outra contra. É nesse contexto que surge a figura do Raimundo Aragão, configurando-se posteriormente como o principal líder da emancipação política.

Dialogando ao mesmo tempo com Lisboa (1991) e Julião (2010) nós podemos perceber um verdadeiro debate, pois, enquanto Lisboa (1991) de maneira significativa atribui a Raimundo Aragão a glória pela emancipação de Santa Cruz do Capibaribe, Julião (2010) o questiona, já que:

Embora aqui não seja negada a importância de Raimundo Aragão, é importante destacar que foram várias as movimentações políticas em torno desta emancipação, ora com ele, outrora sem ele, mas nunca como único “bem feitor da independência”. Estes líderes da emancipação viam neste momento um espaço para que a cidade fosse cenário para as suas encenações de poder, emergida com a nova cidade. Na biografia de Raimundo Aragão escrita por Lisboa, existem vários registros e fontes do período anterior à emancipação. Dentre elas uma de 1938, enviada ao Interventor Federal no Estado de Pernambuco, assinada por aproximadamente 70 pessoas reivindicando a emancipação da cidade. Outro memorial de 1943 foi enviado para o mesmo interventor e pleiteava a criação do município, este assinado por aproximadamente 300 pessoas. (JULIÃO, 2010, p 14).

Analisando essa discussão nós podemos perceber que na visão de Julião (2010), Lisboa (1991) fora tendencioso em suas escritas, já que a partir do seu lugar social escreveu uma biografia de exaltação, pois gozava de uma boa amizade com o biografado e que também por várias vezes o representava em momentos solenes. “Mas tivemos a oportunidade feliz de conviver com este homem com todas as iniciais maiúsculas, de conversar com ele, de representá-lo algumas vezes em recepções, de privar, de certo modo, da intimidade de sua casa”. (LISBOA, 1991, p. 23). Em conversa com o professor Edson Tavares, o questionamos se o mesmo considera que a obra de Lisboa (1991) tinha fortes indícios de bajulação a Raimundo Aragão? Ele nos diz que:

O livro é tendencioso, sim. Bastante poético para ser histórico. Disse-lhe isso numa crítica que lhe escrevi. Ele, meio ressabiado, optou por me responder (nessa época nos comunicávamos por carta) se subestimando, dizendo que não tinha competência para fazer coisa melhor... Argumentos assim. Devo ter este texto em algum lugar... (TAVARES, 2015, ENTREVISTA).

Entrando no debate sobre as críticas feitas por Julião (2010) e pelo professor Edson Tavares em relação à obra de Lisboa (1991) intitulada: “Raimundo Aragão: sua vida suas

obras”, podemos perceber que mesmo exaltando demais o biografado, o biógrafo em partes guardou as devidas proporções, já que sua notória admiração estava ligada diretamente a pessoa de Raimundo Aragão e esta admiração foi levada, tanto ao público, quanto ao privado, mas que em momento algum o biógrafo negou a importância da participação de outros personagens nesse contexto, tanto que fez questão de transcrever os nomes de todos os participantes que assinavam abaixo nos documentos elaborados por Raimundo na tentativa de emancipar a vila politicamente. Sobre isso nós temos: “Nota: O presente documento foi copiado do livro de apontamentos de Raimundo Francelino Aragão. Procuramos conservar as mesmas palavras, fazendo, contudo, a transposição para a ortografia atual”. (LISBOA, 1991, p. 53-54).

Embora a história dita positivista do século XIX tenha sido duramente criticada pelos historiadores da Escola dos Annales, pelo seu caráter tendencioso em valorizar os “heróis”, e mesmo posteriormente, com o advento da “nova história política” em que a análise historiográfica passou a ter um caráter mais dinâmico, valorizando fatores sociais, econômicos e culturais a partir de uma nova perceptiva do político. Não podemos simplesmente negar aqui a importância dos atores que se destacaram de certo modo dentro da historiografia, pois mesmo alguns fatos históricos não dependendo destes para acontecer, outros tiveram seus rumos históricos direcionados a partir de suas intervenções. Diante disso podemos citar como exemplo o Terceiro Estado da Revolução Francesa, onde as ações coletivas destes contribuíram bastante para as mudanças da história daquela sociedade, mas que posteriormente a partir da figura de Napoleão os girondinos (classe mais conservadora do Terceiro Estado) conseguiram estabilizar seus anseios. Nesse sentido, mesmo não podendo considerar Napoleão um herói, é fato que este veio a ser peça fundamental para os rumos da história francesa. Ainda sobre isso podemos tomar mais uma vez como referência a obra de Adilson Filho (2009), onde este analisa a trajetória das famílias Galvão e Mendonça durante 40 anos no poder na cidade de Belo Jardim a partir da figura de seus principais representantes. “Neste texto, pelo menos três foram objetivos da minha reflexão, sobretudo, pela participação direta que tiveram na história de Belo Jardim, nos últimos 40 anos. São eles José Mendonça, Cintra Galvão e Edson Mororó Moura”. (ADILSON FILHO, 2009, p. 139). Entendemos a partir disso que as ações do privado se envolvem com o público, já que é a partir das ações dos personagens principais que se formam as várias tramas do enredo. Entendemos, pois, que mesmo Lisboa (1991) tendo uma profunda admiração pela figura de Raimundo Aragão, este não poderia negar sua importância dando-lhe a característica de apenas mais um contribuinte para a emancipação, porque simplesmente ele não o foi. Raimundo Aragão foi de fato o

principal articulador da emancipação pois, para ele se endereçava cartas sobre o processo emancipatório, sobre ele se escreviam citações nas cartas que circulavam com o mesmo objetivo, e a ele foi endereçada o telegrama que continha o comunicado de que Santa Cruz havia se tornado cidade. Sobre isso vejamos um trecho da carta de José Pacas<sup>20</sup>:

O artigo de V. Ex<sup>a</sup> “Divisão Administrativa” na folha de 27 do corrente, veio trazer um certo conforto ao povo de Santa Cruz, especialmente ao signatário desta e mais alguns trabalhadores incansáveis pela causa desta terra, sendo um deles, meu particular amigo, Raimundo Aragão, que tudo daremos, até a nossa própria vida por esta terra tão boa, mas um tanto castigada pelos caprichos da natureza, e, também esquecida pelos homens da administração pública. (LISBOA, 1991, p. 58-59).

Nesse sentido, não se pode negar a importância desse homem, como principal articulador da emancipação. Entretanto deve-se guardar as devidas proporções, já que de fato não fora o único a se inteirar nessa luta. O próprio Lisboa (1991) faz referências a outros cidadãos santa-cruzenses que se envolveram nesse contexto, citando cartas que essas pessoas enviaram ao Interventor Federal da época, na tentativa conjunta de se emanciparem politicamente. Podemos ver isso claramente nas cartas enviadas por José Pacas e José Sinésio Aragão, esta última enviada ao Dr. Mário Melo, que na ocasião era o presidente da divisão administrativa e territorial do estado de Pernambuco. Este era considerado, segundo Raimundo Aragão e o próprio Lisboa (1991) um verdadeiro inimigo da vila Santa Cruz pelo fato de sempre posicionar-se contra a emancipação. Neste caso, o próprio Lisboa (1991) nega a exclusividade de Raimundo Aragão como único responsável da emancipação. Outro fato que devemos mencionar aqui é que, uma das questões que contribuíram para que Raimundo Aragão se destacasse nesse contexto é que, o mesmo foi vereador por três mandatos na cidade de Taquaritinga do Norte, isso de certa forma já lhe dava um capital representativo na então vila de Santa Cruz. E o fato de ser vereador já vinha de sua aptidão com a política, já que, desde cedo se inteirou na luta pela emancipação. Ainda Sobre isso temos:

Em atividades políticas foi vereador em Taquaritinga em três legislaturas. A primeira, de agosto 1936 a novembro de 1937. Não terminou o mandato devido a chegada do chamado “Estado Novo”. Fecharam-se as câmaras e o congresso nacional. O país estava vivendo uma ditadura. A segunda de 15 de Novembro de 1947 a 1951. E a terceira, de 1951 a 1955 quando foi eleito pela primeira vez. (LISBOA, 1991, p. 35).

Por fim, para legitimar ainda mais a nossa fala sobre a liderança de Raimundo Aragão dentro da emancipação política de Santa Cruz do Capibaribe, apresentamos aqui a narrativa de Lisboa (1991) do telegrama enviado pelo então governador do estado Pernambuco Etelvino Lins de Albuquerque<sup>21</sup>, direcionado ao articulador da emancipação. Vejamos:

---

<sup>20</sup> Advogado recém-formado durante aquele período. Esteve presente na luta pela emancipação.

Catorze horas de 29 de dezembro de 1953. Dia de Sábado. Na agência dos Correios e Telégrafos, D. Lúcia, que era a agente, tia de Raimundo Aragão, atende ao fone. É um telegrama para o sobrinho. Mais do que pressurosa, rápida, semblante iluminado de alegria temperada pela emoção, mensageira feliz, corre a casa de Raimundo Aragão. Entrega-lhe a mensagem. A alegria estampada na face de D. Lúcia livrou o destinatário do susto, das palpitações de medo, das hesitações, características de todos que recebem um telegrama. Aberta a correspondência, ali estava escrito o Brado de Liberdade. Estavam quebradas as algemas que ligavam Santa Cruz a Taquaritinga. Santa Cruz era livre, adulta, dona de si mesmo, atingira a maioridade. Era, pois, responsável pelo seu próprio futuro. Com a emancipação político-administrativa, Santa Cruz recebia de Etelvino Lins a sua carta de alforria. Raimundo, ao mesmo tempo que ria de alegria, chorava de emoção. Era o prêmio depois da luta. Era os louros depois dos embates. Nunca esmorecera em face da diversidade. Sua luta não fora em vão. A liberdade não se ganha, se conquista. (...) Ouviu-se o som do bumbo da Banda Musical Novo Século, sinal que algo extraordinário acontecera, ou estava acontecendo. O sinal era a convocação aos músicos para comparecerem a sede da Banda. Todos queriam saber o acontecimento. Em frente à casa de Raimundo Aragão, a multidão aglomerava-se e recebia abraços de congratulações, de todos os seus concidadãos, menos daqueles que lutaram do outro lado das trincheiras, do lado de Taquaritinga. Esses envolveram-se em seus próprios espinhos e quedaram-se em casa, vencidos... (LISBOA, p. 70-71).

Diante disso podemos perceber mais uma vez a importância de Raimundo Aragão nesse contexto, pois o telegrama que informava sobre a emancipação política tão sonhada fora direcionada a ele, o texto também nos mostra que a festa com a banda Musical Novo Século foi feita em frente à sua casa, isso porque, o próprio povo que sonhava com a emancipação, via nele um líder que esteve em vários momentos na luta pela emancipação.

Na imagem que se segue temos a figura de Raimundo Aragão discursando no dia da emancipação, imbuído com seu poder simbólico, que fora construído a partir de suas ações durante o processo de emancipação.

---

<sup>21</sup> Governou o estado de Pernambuco em duas ocasiões: a primeira em 1945 na qualidade de interventor Federal, e a segunda de 1952 a 1955.

**Figura nº2 – Raimundo Aragão em seu discurso proferido no dia da emancipação em 29 de dezembro de 1953.**



Fonte: Professor Arnaldo Viturino.



## **CAPITULO II**

### **A CONSTUIÇÃO DE UMA SIMBOLOGIA PARTIDÁRIA NA PRÁTICA**

## 2.1 Raimundo Aragão, a construção de um capital simbólico.

Após emancipar-se politicamente de Taquaritinga do Norte pela a lei nº 1818 de 29 de 1953, a população de Santa Cruz do Capibaribe começou a se organizar para o seu primeiro pleito eleitoral, enquanto este não acontecia, foram nomeados dois prefeitos interinos para governar a cidade. O primeiro foi o tenente Teófanés Ferras Torres<sup>22</sup> que segundo Lisboa (1991): “gostou muito do cargo, candidatou-se a prefeito constitucional. Desse modo tinha que renunciar a prefeitura, o que fez sem demora. Sucede-o no cargo, também interinamente, João Deodato de Barros<sup>23</sup>”. (LISBOA, 1991, p.77).

A essa altura Raimundo Aragão já tinha um grande representatividade dentro da sua sociedade, pois segundo o que já foi analisado anteriormente, este havia se constituído como principal líder da emancipação política de sua cidade. A luz de Bourdieu (1989), entendemos que:

Os sistemas simbólicos, como instrumento de conhecimento e comunicação, só podem exercer um poder estruturalmente porque são estruturados. O poder simbólico é um poder da construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular do mundo social), supõe aquilo que Durkheimem chama o *conformismo lógico*, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, quer torna possível a concordância entre as inteligências. (BOURDIEU, 1989, p. 9).

Nessa perspectiva entendemos que Raimundo Aragão estruturou seu próprio poder simbólico a partir de todo processo emancipatório através de suas ações, e estas por sua vez deram estrutura para que esse poder viesse a se constituir na prática e na realidade santacruzense naquele período. Neste caso, após a emancipação político administrativa de Santa Cruz, a representatividade de Raimundo Aragão se tornou “homogênea”, principalmente sobre aqueles que lutaram junto com ele pela emancipação. A luta pela liberdade administrativa viera a se tornar um “fato social” para grande parte dos cidadãos santacruzenses, e naquele momento, Raimundo Aragão era o líder maior, pois havia se destacado nesse contexto. Diante disso, para aqueles que a partir de um sentimento de pertencimento se posicionaram a favor da emancipação, não restava dúvidas de que a primeira eleição para prefeito deveria ter Raimundo Aragão como candidato e conseqüentemente o primeiro prefeito eleito de Santa Cruz. E assim o fizeram. Passados dois anos da emancipação política é chegada a hora da primeira eleição para prefeito da recém-emancipada cidade de Santa Cruz do Capibaribe. O tenente Teófanés Ferras Torres foi o candidato que fez oposição a

<sup>22</sup> O tenente era paraibano e foi nomeado interinamente para o cargo.

<sup>23</sup> João Deodato de Barros foi considerado um grande parceiro de Raimundo Aragão na luta pela emancipação.

Raimundo Aragão, e segundo Lisboa (1991): “foi uma imprudência de o tenente candidatar-se contra Raimundo Aragão”. (LISBOA, 1991, p. 77). De fato, naquelas conjunturas políticas não existia outra pessoa mais indicada para ser prefeito de Santa Cruz do Capibaribe. Em 07 de outubro de 1955, Raimundo Aragão foi proclamado prefeito de Santa Cruz do Capibaribe com uma votação de 1.048 votos contra 648 do seu adversário, um percentual de 63% dos votos válidos naquela eleição<sup>24</sup>.

Passadas as eleições era hora de dar a Santa Cruz do Capibaribe os devidos rumos do seu tão sonhado desenvolvimento. Raimundo Aragão faz seu governo baseado em obras estruturadoras. É importante lembrar que numa perspectiva nacional o governo Juscelino Kubistchek<sup>25</sup> tinha o “nacional desenvolvimentismo” como modelo de governo para o crescimento industrial do país. Sobre isso o historiador Julião (2010) relata: “Paralelamente à política de incentivos à industrialização dos governos nacionais deste período, as gestões de Raimundo Aragão, em especial a primeira, voltaram-se para os investimentos em infraestrutura considerados vitais para o projeto desenvolvimentista vigente”. (JULIÃO, 2010, p. 17). Segundo Lisboa (1991) estas obras foram: “enriquecimento da área urbana com 162 hectares de terra, construção de várias escolas, construção de poços artesianos, calçamentos nas principais ruas da cidade, ponte sobre o riacho Tapera e o prédio da coletoria”. (LISBOA, 1991, p. 78). É interessante notar que para a época a visão de Raimundo Aragão já era considerada um tanto a frente já que, embora não tendo concluído os estudos, fazia questão de que cada sítio, vila ou povoado tivesse uma escola contribuindo com a educação dos filhos de Santa Cruz do Capibaribe em cada recanto desta sociedade. Só no primeiro mandato foram 08 escolas construídas, todas em pleno funcionamento, e se formos comparar com a realidade atual, torna-se um grande número já que, nos últimos 15 anos de governo não foram construídas se quer 10 escolas neste município. Em entrevista com vereador Fernando Aragão, sobrinho e herdeiro político de Raimundo Aragão, este nos relata a importância das obras que foram feitas durante os governos do seu tio:

Raimundo tinha uma visão de uma Santa Cruz, eu acho que maior do que a que é hoje, porque se você pegar todas as obras que foram feitas naquela época... Até os dias de hoje, você vai ver que todas as obras de Raimundo ainda hoje são obras grandes, são as maiores do nosso município, então era uma visão extraordinária que ele tinha. Ele conseguiu ver essa Santa Cruz que nós não conseguimos ver. E eu acho que esse foi um grande trunfo de Raimundo Aragão, eu acho que o amor que ele tinha por essa terra, e de fato ele percebia que Santa Cruz que toda vida teve sua economia, mesmo quando distrito de Taquaritinga já tinha uma tendência muito grande de crescimento. E Raimundo conseguiu vislumbrar todo esse crescimento de

---

<sup>24</sup> Informações tiradas dos diploma do primeiro prefeito eleito, Raimundo Aragão.

<sup>25</sup> Juscelino Kubitschek de Oliveira, também conhecido como JK, foi um médico que ocupou a Presidência da República entre 1956 e 1961. Seu governo teve como característica o plano de metas (50 anos em cinco) e tinha como objetivo industrializar o país.

Santa Cruz e contribuiu demasiadamente pra que esse progresso pudesse acontecer. (ARAGÃO, ENTREVISTA, 2015).

É interessante notar que as palavras do vereador Fernando Aragão são coerentes quando relata sobre a importância das obras de Raimundo Aragão para a sociedade santacruzense, isso porque de fato nos dias atuais muitas de suas obras ainda servem no presente praticamente 60 anos depois que foram construídas. Uma delas é o Ginásio Municipal, que hoje se chama Escola Ivone Gonçalves. Este lugar fora cogitado para ser sede de uma extensão da UFRPE, isso no ano de 2010, o que não veio a se concluir por questões burocráticas da administração local e estadual, mas que quanto à localidade, ainda hoje tem estrutura suficiente para comportar uma extensão da universidade federal, claro, com as devidas reformas.

O propósito de enfatizar a importância da grandiosidade administrativa da figura do Raimundo Aragão está associado à continuação da análise sobre a construção do seu poder simbólico como homem público, pois é a partir de obras estruturadoras que este consegue legitimar ainda mais seu capital político representativo dentro desta sociedade. Tanto que no de 1959 consegue fazer o sucessor, e em 1963, volta novamente como prefeito eleito para seu segundo mandato até 1968, onde neste, permanece as características estruturadoras de construção de grandes obras, como por exemplo, a construção do Açude do Machados que como outras obras ainda permanece servindo a população de Santa Cruz do Capibaribe. Um fato que nos chama atenção sobre a visão totalmente a frente que Raimundo Aragão tinha para Santa Cruz, é a construção de uma pista de pouso, que por vezes estava sendo utilizada por aviões bimotores que pousavam nesta localidade. Nesse sentido entendemos que Raimundo Aragão constrói seu capital político a partir de seu modo de administrar, talvez numa incessante busca por uma admiração por arte do seu eleitorado. Isso lhe rendeu 14 anos de liderança política, sendo que parte deste poder simbólico se estruturou no processo emancipatório e a outra no seu modo de administração. Sobre o prefeito que sucedeu Raimundo Aragão em 1959, trata-se de Pedro Neves, seu governo foi considerado bom, já que deu continuidade ao modelo administrativo de Raimundo Aragão, mas que em entrevista com o seu próprio filho Mário Neves, o mesmo relata que seu pai não possuía características de um político de destaque, era apenas um bom administrador.

A partir destas informações entendemos que o capital simbólico de Raimundo Aragão havia se construído de várias maneiras, mas que todas elas contribuíram pra estruturar sua representatividade. Baseando-se nas teorias do poder simbólico de Bourdieu (1989) e ao mesmo tempo dialogando com o historiador Hélio Cordeiro Gonçalves (2014), podemos

perceber que em sua pesquisa, o mesmo aplica tais teorias sobre a construção do poder simbólico construído na cidade de São Vicente do Seridó-PB, onde ali, o mesmo encontra outro tipo de estruturação deste poder simbólico, relatando que a figura de “Manoel Chico era como era como se fosse um banco para o povo de São Vicente do Seridó” (GONÇALVES, 2014, p. 21). A partir disso entendemos que a ideia de poder simbólico se estrutura de várias maneiras dentro de uma determinada sociedade, pois, na realidade santa-cruzense, Raimundo Aragão, de forma intencional ou não, estruturou o seu poder a partir de um determinado tipo de sentimento, um “amor” por sua terra que baseando-se em suas ações pode ser percebido. Sobre isso é interessante expor um trecho da entrevista concedida por Raimundo ao professor Edson Tavares em junho de 1986, onde nesta fica evidentemente claro que o entrevistado desde cedo sentia-se inquietado com o projeto da emancipação no sentido de contribuir com ele. Vejamos:

Em todas as tentativas eu estava presente, eu ainda menino, rapazinho. Por sinal, nessa época, quanto fizeram a coleta (em 1929), eu fui um dos tais que dei cem mil réis. Eu estava pra casar e meu futuro sogro, José Moraes, reclamou, disse que eu não podia dar, que eu não tinha condições de dar cem mil réis. Mas eu tinha, porque naquele tempo eu plantava algodão no meu roçado, vendi o algodão e paguei. (ARAGÃO, TAVARES, ENTREVISTA, 1986).

Diante disso, entendemos que assim como Manoel Chico estruturou seu poder simbólico a partir de trocas de favores, já que posteriormente o dinheiro emprestado poderia ser pago até com votos ou simplesmente quando a colheita fosse boa, Raimundo Aragão constrói seu poder simbólico a partir de suas ações, movidas pela força de um sentimento que posteriormente lhe renderiam um capital representativo em sua sociedade. Segundo Bourdieu (1989): “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que os exercem”. (BOURDIEU, 1989, p.8). Nesse caso podemos perceber que o poder simbólico independe da intencionalidade de tê-lo por parte daquele que de alguma forma o constrói e dele se beneficia. Raimundo Aragão, ao doar cem mil réis para a campanha de emancipação político-administrativa de Santa Cruz do Capibaribe, ao mesmo tempo em que contribuía para um sonho que não era só dele, construía de forma direta e indireta um poder simbólico do qual viria a se beneficiar posteriormente.

## 2.2 Raimundo Aragão na conjuntura política nacional.

Dentro de uma conjuntura político-nacional, Raimundo Aragão participou de vários partidos. Sobre isso, Lisboa (1991) nos diz:

Durante sua vida política, Raimundo Aragão pertenceu a vários partidos políticos, Primeiramente, fez parte da UDN (União Democrática Nacional); depois, passou as fileiras do PSD (Partido Social Democrático); e em virtude a revolução de 1964, os partidos foram extintos, criando-se, em seguida, dois únicos partidos: A Arena (Aliança Renovadora Nacional) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Raimundo Aragão, naturalmente, ficou na Arena (LISBOA, 1991, p. 117).

É importante pontuar que numa perspectiva política nacional, a partir de 1945 com o fim do Estado Novo<sup>26</sup> e a queda de Getúlio Vargas do poder, os partidos voltaram ter plenos direitos de atuação. Entre 1945 a 1964, e dentro dessa conjuntura se destacaram os partidos que tinham uma característica Varguista, voltados a política do populismo, tidas como defensoras dos ideais trabalhistas. Nessa conjuntura estava o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido Democrático Social (PDS). Em contrapartida ficaram os políticos da União Democrática Nacional (UDN), ferrenhos opositores de Getúlio Vargas. Um partido considerado totalmente contrário aos ideais populistas e de características liberais e conservadoras, ligado a classe empresarial.

Entretanto, não podemos considerar que estes ideais partidários numa conjuntura nacional tivesse tanta força numa perspectiva local. Isso porque as facções partidárias não só em Santa Cruz do Capibaribe, mas em várias outras cidades de Pernambuco e do Brasil se formulavam a partir das disputas políticas locais. Sobre essas questões, especificamente em Santa Cruz do Capibaribe, Julião (2010) pontua:

Embora as disputas eleitorais acontecessem de forma institucionalizada, tanto em Santa Cruz do Capibaribe quanto em outras cidades do Nordeste, era importante que todos os que pretendessem postular um cargo eletivo estivessem ligados a algum dos grupos políticos existentes, a exemplo dos “cabecinhas” e “bocas-pretas”, independente de qual partido esteja filiado no conjunto nacional. Tal ligação a um determinado grupo era também importante para a população no momento de suas escolhas. Neste caso, o que mais importa para o cenário político local são as representações que são colocadas ou aceitas no conjunto da disputa pelo poder. (JULIÃO, 2010, p. 18).

Nesse caso, entendemos que, mesmo Raimundo Aragão aliado a tais siglas partidárias, isso se dava mais por uma questão institucional, era preciso estar filiado a algum desses partidos para se candidatar. Um fato importante que podemos perceber nesse contexto é que, suas filiações partidárias se davam a partir de um interesse ligado a questões locais. Primeiro Raimundo se filia a UDN, nesse caso podemos perceber que tal filiação se dava também por

---

<sup>26</sup> O Estado Novo que é caracterizado pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo e por seu autoritarismo.

conta de sua ligação com o deputado Tabosa de Almeida<sup>27</sup>. Este, juntamente com seus correligionários, esteve envolvido favoravelmente no processo que culminou com a emancipação política de Santa Cruz do Capibaribe. Na entrevista concedida ao professor Edson Tavares Raimundo Aragão relata sobre essas questões.

Então o dep. Osvaldo Lima Filho, que era o líder da bancada, fechou questão contra Santa Cruz. Tabosa de Almeida, por mais esforços que fizesse – e ele fez um esforço tremendo – juntamente com Carlos Rios, Laércio Sampaio e outros deputados da UDN naquela época, não passou o projeto. (ARAGÃO, TAVARES, ENTREVISTA, 1986).

Ainda sobre isso, em outro momento, após romper com o deputado Tabosa de Almeida pessoais, Raimundo Aragão se filia ao PSD, entretanto, sua ligação agora se dava com o deputado federal Lamartine Távora<sup>28</sup> que era filiado ao PTB, mas que junto a este já havia se projetado para conseguir a partir de suas intervenções uma grande quantidade de obras para o desenvolvimento de Santa Cruz. A partir de 1964 após o golpe militar, o deputado Lamartine Távora foi deposto junto com outros deputados, e a partir do Ato Institucional Nº 02<sup>29</sup> o bipartidarismo entra em vigor a sobre os moldes do regime. Sabe-se que o golpe militar estava inserido numa conjuntura política internacional. A disputa política, ideológica e econômica caracterizou-se como “Guerra Fria”, e no Brasil, os militares atendiam os interesses dos EUA lutando contra o comunismo da URSS, caracterizado como o “perigo vermelho”.

Em se tratando da posição política de Raimundo Aragão durante a Ditadura Militar, este foi um tanto contraditório se formos coloca-lo dentro dos parâmetros políticos ideológicos nacionais. Além do deputado Lamartine Távora, Raimundo Aragão mantinha uma forte ligação com o então governador de Pernambuco Miguel Arraes de Alencar, que fora deposto assim que o regime foi implantado.

Falando sobre a posição política de Raimundo Aragão naquela ocasião, o vereador Fernando Aragão nos diz:

Raimundo era muito fiel às coisas dele. Eu me recordo que meu pai me disse uma certa vez, quando ouviu a ditadura no Brasil, muita gente “tava” sendo deposto, caiu aqui, caiu acolá, quando prenderam Dr. Arraes, tio Raimundo, “tava” com uma carta pronta pra mandar pra o Dr. Arraes dizendo que “tava” com ele pra o que desse e viesse. Que não abria mão que não sei o que... Papai foi quem tomou essa carta de

<sup>27</sup> Deputado estadual na época e ligado a UDN contribuiu com Raimundo Aragão no processo de emancipação e posteriormente no desenvolvimento de grandes obras em Santa Cruz do Capibaribe. Rompeu com Raimundo Aragão por questões particulares.

<sup>28</sup> Político atuante, foi cassado em 1964, juntamente com Leonel Brizola, Pelópidas Silveira, Francisco Julião, entre outros políticos. Era filiado ao PTB.

<sup>29</sup> Além de outras questões, o AI-2 legitimava a intervenção do governo federal em estados e municípios, assim como o fechamento do Congresso Nacional, ambos sem aviso prévio.

Raimundo pra Raimundo não enviar. Se não naquela época Raimundo teria seu mandato cassado sem nem saber porquê. Ou já teria sido deposto. (ARAGÃO, ENTREVISTA, 2015).

Sabe-se que mesmo ligado a o então governador de Pernambuco, Miguel Arraes de Alencar<sup>30</sup>, deposto naquela época. Raimundo Aragão filiou-se a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), isso porque também mantinha uma boa relação com o governador Paulo Guerra<sup>31</sup> que assumiu logo em seguida e era ligado aos militares. Tem-se o conhecimento de que, naquela época os prefeitos precisavam estar ligados ao partido que dava sustentabilidade às bases regime militar. Nesse caso concluímos que a preocupação de Raimundo Aragão estava mais voltada para uma questão local, uma política que fosse conveniente aos seus interesses, levando em consideração também os interesses municipais.

Na imagem que se segue, Raimundo Aragão próximo a Dr. Miguel Arraes de Alencar. Na ocasião Miguel Arraes visitava Santa Cruz às vésperas das eleições de 1989.

**Figura nº 3 – Visita de Miguel Arras a Santa Cruz do Capibaribe em outubro de 1989.**



Fonte: Lisboa (1991) (Scanner, p 180)

---

<sup>30</sup> Governador eleito constitucionalmente teve seus direitos políticos cassados após a deflagração do golpe de 1964.

<sup>31</sup> Governador pernambucano ligado aos militares que substituiu Miguel Arraes de Alencar no governo após este ser deposto.



### **2.3 Boca Preta” e “Cabecinha”: a identificação das facções político-partidárias em Santa Cruz do Capibaribe a partir de suas nomenclaturas.**

A ideia de facções esta relacionada a ideia de grupos, uma determinada quantidade de pessoas que que participam de algo que as identificam, e na maioria das vezes este grupo defende um determinado tipo de ideologia, seja ela política ou cultural. Diante disso, nós podemos perceber que em todo e qualquer tipo de sociedade irá existir vários grupos, facções, que de alguma maneira estarão a defender aquilo que acreditam.

No campo da historiografia, o estudo das coletividades ganhou lugar de destaque a partir do século XX quando foi fundada a Escola do Annales. Para este grupo de historiadores, a perspectiva econômica e social deveria ter lugar de destaque nas suas produções. Diante disso, a historiografia política do século XIX passou por um processo de descrédito, sendo vista como financiadora de um discurso vencedor, pois a mesma dava visibilidade ao caráter individual dos personagens, configurando-os na maioria das vezes como “heróis”. A partir da década de 1980, a história política ganha nova visibilidade, configurando-se como “Nova História Política”. O resignificado da história política atualizou a maneira estrutural com que esta trabalhava. Agora, nessa nova perspectiva, o caráter político da história ganha um contexto interdisciplinar passando a dialogar com disciplinas como a antropologia, a sociologia e a linguística, ampliando desta forma seu campo de atuação, como: o econômico, o social, cultural e o religioso. Além disso, a historiografia política ganha um caráter mais dinâmico, incluindo na sua produção personagens que antes eram esquecidos, a saber, a maioria deles. Segundo Rémond:

Ao se ocupar do estudo da participação na vida política e dos processos eleitorais, integra todos os atores, mesmo os mais modestos, perdendo assim seu caráter elitista e individualista e elegendo as massas como seu objeto central. Seu interesse não está voltado para a curta duração, mas para uma pluralidade de ritmos, em que se combinam o instantâneo e o extremamente lento. É na longa duração que se irá buscar a história das formações políticas e ideológicas, ou seja, a cultura política que por sua vez servirá à reflexão sobre os fenômenos políticos, permitindo detectar sobre as continuidades no tempo. (RÉMOND, 2003, p.7)

Partindo desse pressuposto, entendemos que, a coletividade santa-cruzense tem nas facções político-partidárias a formação de uma “cultura política”, que pode ser entendida num processo de longa duração. Por isso, a importância de estudar este processo na sua “formação”, pois, entendendo seus pontos de partida detectaremos também suas continuidades.

A partir do que já foi explanado nas linhas desta monografia, entendemos que as facções político partidárias se configuram a partir da emancipação política de Santa Cruz do Capibaribe. Existia um grupo dos que queria se emancipar politicamente, representados principalmente por Raimundo Aragão, e o outro que não se interessava pela emancipação. A partir da entrevista concedida por Raimundo Aragão ao professor Edson Tavares, para o Jornal Capibaribe no ano de 1986. Entendemos que, a representatividade do grupo contrário à emancipação estava principalmente centrada na figura do senhor Manoel Rufino de Melo<sup>32</sup>. Este tinha uma forte ligação com o governo de Taquaritinga do Norte e certa representatividade desse governo na então vila de Santa Cruz. Sobre isso temos:

Mandamos o memorial ao interventor Agamenon Magalhães, que o mandou para a Comissão de Divisão Administrativa, da qual era presidente Mário Melo, o maior inimigo de Santa Cruz do Capibaribe naquela época [ênfatisa Raimundo], ele era o técnico que fazia a divisão territorial e administrativa do Estado. Ele deu o parecer contrário. Passou. Lá vem 1943. Pleiteamos novamente e de novo Mário foi contra. Perdemos. Em 1948, já havia Assembleia Legislativa, pleiteamos novamente. Foi quando apresentou o projeto o deputado Dr. Tabosa de Almeida. Na época, ficou contra, aqui em Santa Cruz, contra a emancipação política: Manoel Rufino de Melo – o pai do atual prefeito [à época da entrevista, Augustinho Rufino de Melo<sup>33</sup>], Manoel Caboclo e João Pereira Sobrinho, que foram a Severino Arruda, então prefeito de Taquaritinga, exigindo dele que fechasse questão contra a criação do município, como me informou pessoalmente Severino Arruda, que era contra porque era uma exigência desses amigos dele. (ARAGÃO, ENTREVISTA, 1986).

Nesse caso, entendemos que Manoel Rufino de Melo foi o principal líder da oposição a Raimundo Aragão e seu grupo pró-emancipação. Ainda sobre isso, em entrevista com Fernando Aragão o questionamos sobre a rivalidade política existente entre seu tio e Manoel Rufino de Melo, onde o mesmo nos relata:

Olhe (risos) é as coisas né... A gente não vivenciou o fato né? A grande coisa que a gente sabe desde aquelas época é que ouve uma rivalidade política entre tio Raimundo e o Manoel Rufino, agora a história é quem diz que devido essa coisa que era contra né? Então o que um fosse a favor o outro era contra, o que eu acabei de dizer, ainda hoje isso acontece. Quer dizer, mesmo sabendo que era importante a emancipação, mas ele sempre botava alguma coisa porque como filho de lá ele sempre defenderia o dele. Eu acho que isso foi um dos motivos, mas eu num considero uma questão ferrenha sabe? Era contra... Pra poder segurar até o próprio grupo dele que existia e que Raimundo tinha o dele que, eu acho que ia por ai, eu acho que num era uma coisa assim... Taxativamente contra... E até porque não se sabe na história, você pra ser contra tem que dizer alguma coisa. O que ele poderia dizer de uma emancipação política de um distrito que crescia mais que a cidade? Então fica meio difícil sabe, porque a gente não vivenciou, eu acredito que seja mais uma questão político-partidária, de grupos do que propriamente uma coisa contra Santa Cruz do Capibaribe. (ARAGÃO, ENTREVISTA, 2015).

<sup>32</sup> Manoel Rufino de Melo era funcionário Público da prefeitura de Taquaritinga do Norte. Este morava na então vila de Santa Cruz e era uma representação dos interesses da prefeitura de Taquaritinga na vila.

<sup>33</sup> Augustinho Rufino foi vereador no mesmo período da primeira gestão do Padre Zuzinha (1969-1972), foi vice-prefeito do Padre Zuzinha (1977-1982), foi sucessor do padre, sendo prefeito (1983-1988) e deputado estadual por dois mandatos (1991-1994 e 1999-2002).

Diante de tais informações, podemos perceber que o senhor Manoel Rufino de Melo tinha uma ligação com a cidade de Taquaritinga do Norte, já que como disse nosso entrevistado: “ele era filho de lá, ele sempre defendia o dele”. (ARAGÃO, ENTREVISTA, 2015). Nesse caso, não via a separação política dessas sociedades como algo que deveria acontecer. Isso fica claro no trecho da entrevista de Raimundo Aragão concedida ao jornal Capibaribe, onde ele nos diz que:

Manoel Rufino de Melo – o pai do atual prefeito [à época da entrevista, Augustinho Rufino de Melo], Manoel Caboclo e João Pereira Sobrinho, que foram a Severino Arruda, então prefeito de Taquaritinga, exigindo dele que fechasse questão contra a criação do município, como me informou pessoalmente Severino Arruda, que era contra porque era uma exigência desses amigos dele. (ARAGÃO, ENTREVISTA, 1986).<sup>34</sup>

A partir disso, compreendemos que, assim como Manoel Rufino de Melo era o líder da facção política que contrariava a emancipação, Raimundo Aragão era o líder dos que eram favoráveis a ela.

Nessas conjunturas a posição política de cada facção já estava configurada. À luz de Rémond (2003), entendemos que a análise dos fatores políticos eleitorais de uma sociedade diz muito sobre o imaginário coletivo do seu povo. Sobre essas questões temos:

Os historiadores cujos nomes e obras citamos interessavam-se pelas eleições sobretudo por suas consequências: que eles modificavam sobre a jusante no equilíbrio das forças, a relação entre a maioria e a oposição, a composição dos governos e até mesmo, ocasionalmente, o funcionamento das instituições ou a duração dos regimes. Após a Primeira Guerra, um outro ponto de vista começou a surgir: percebeu-se que uma eleição é também um indicador do espírito público, um revelador da opinião pública e seus movimentos. Começou a crescer o interesse pela relação da eleição com o que estava a montante dela — as consequências e tendências — tanto pelo que resultava dela. Foi o momento em que se adquiriu uma consciência mais viva ao mesmo tempo da diversidade das opiniões em sua divisão geográfica, e da relativa constância da distribuição das grandes orientações na superfície do território. (RÉMOND, 2003, p.40).

Entendemos, pois, a partir disso, que a Nova História Política valorizou seu campo de investigação a partir de um novo olhar sobre as eleições e suas representatividades.

Configuradas as facções políticas e seus ideais, faltava-lhes apenas um nome, algo que viesse a lhes representar de maneira mais objetiva. O grupo de Raimundo Aragão teve seu nome baseado em uma característica física do seu próprio líder, “Cabeção” ou “Cabeça inchada”. Já o grupo de oposição teve seu nome baseado numa característica própria de sua coletividade. Estes eram considerados agressivos e foram comparados a um bravo cachorro vira-lata. Sobre isso é importante dialogar com um trecho da entrevista gravada com o professor José de Oliveira Góes (Jota Oliveira), em setembro de 2014.

<sup>34</sup> Tal entrevista nos foi enviada via e-mail pelo professor Edson Tavares, e faz parte do seu arquivo pessoal.

No final dos anos 40 já existia a briga política dos grupos que aqui eram representados por Raimundo Aragão e por Brás de Lira<sup>35</sup> principalmente, mas eram grupos que tinham uma disputa, o grupo de Raimundo Aragão brigava pela emancipação política de Santa Cruz do Capibaribe, e alguns nomes como Raimundo cita em uma entrevista que eu tenho gravada que eram contrárias porque eram aliados do prefeito de Taquaritinga do Norte, Severino Cordeiro de Arruda e alguns mesmo sendo natos de Santa Cruz do Capibaribe não eram favoráveis a emancipação. Raimundo Aragão, o líder máximo, era o cabeça desse grupo, e o seu porte (risos...), eu “tô” rindo porque o camarada tinha a cabeça um pouco avantajada e o partido ganhou o nome de cabeça, ou cabeça inchada. E precisava se contrapor, e por conta disso, pelos ataques que recebia, botou o nome do partido oposto de boca preta, não Raimundo Aragão, mas seus seguidores. Já que boca preta era uma qualidade de cachorro vira-lata que mordida de furto, ou de surpresa, atacava pelas costas. E assim foi dada a nomenclatura ao grupo de oposição, boca preta e o grupo de Raimundo Aragão cabeça ou cabeça inchada, nome esse que durou até meados da década de 70 quando Severino Monteiro assumiu a liderança do grupo, e o grupo passou a ser chamado de cabecinha, quando se levou esse nome até 1998, quando então, José Augusto Maia<sup>36</sup> numa alusão a transposição da água do açude de Tabocas para Santa Cruz do Capibaribe, como ele era o cabeça do movimento, denominou o nome do grupo de taboquinhas. (OLIVEIRA GÓES, ENTREVISTA, 2014).

É interessante notar que essas nomenclaturas surgiram a partir de apelidos que foram atribuídos de maneira mútua entre os dois adversários. Dentro dessa perspectiva de nomenclaturas é interessante dialogar com Julião (2010), onde o mesmo confirma a versão contada pelo professor Jota Oliveira. Vejamos:

Raimundo Aragão, por ter uma cabeça considerada grande foi apelidado de cabeça. Logo o seu grupo político ficou conhecido como “cabecinhas”, pois esta seria uma maneira mais amena e carinhosa de ser chamado por seus partidários. O grupo governou a cidade por 14 anos, sendo derrotado pelo Padre Zuzinha, que se tornou líder do grupo de oposição. O grupo de opositores recebia o nome de “boca-preta”, pois, na Rua Grande, hoje Avenida Padre Zuzinha, existia um cachorro que era agressivo e sempre avançava nas pessoas. Na época a oposição era aguerrida, lutava, debatia e tinham um tom agressivo em suas ações e falas, desta forma, em referência ao tido cachorro, ficaram conhecidos como o grupo dos “bocas-pretas”, e governaram a cidade por 24 anos interruptos. (JULIÃO, 2010, p, 19).

Sobre a característica agressiva do grupo de oposição, esta veio a se confirmar ainda mais, nas palavras do senhor Severino Celestino dos Santos, popularmente conhecido como “Biu de Santa”, morador desta cidade a mais de 50 anos. O mesmo relata que nunca votou no partido denominado “Boca Preta”, e quando questionado sobre o porquê de não votar, o ele diz:

Num votava porque não me agradava porque eles eram agressivos, e a gente... Como se diz, ficava do lado de cá e eles do outro lado, aí sempre vinham com agressividade, tanto uma parte como outra, às vezes num era só eles que vinha, do lado da gente também tinha essa agressividade, mas nós ficamos com essa despeita e... É como se diz...e hoje ainda continua. (SANTOS, ENTREVISTA, 2014).

<sup>35</sup> Em 1972, o prefeito na época, Padre Zuzinha apoiou Brás de Lira, no qual foi vitorioso com 2868 mil votos contra 2262 do adversário. Dados do TRE/PE (Tribunal Regional Eleitoral de Pernambuco).

<sup>36</sup> José Augusto Maia foi vereador nos períodos de 1989 a 1992 e 1996 a 2000, vice-prefeito no período de 1993 a 1996, prefeito por dois mandatos no período de 2001 a 2008 e eleito deputado federal em 2010, sempre no grupo opositor aos “bocas-pretas”.

A partir dessas informações nós entendemos que o capital simbólico, antes constituído no individuo configurados na figura dos líderes, agora ganham uma característica coletiva. Seus anseios, seus ódios, suas paixões e seus objetivos, passam agora a se efetivar no imaginário social, revelando-se em suas práticas diárias. Isso nos remete mais uma vez as palavras do professor Adilson Filho (2009), que diz: “a identidade de um povo ou de uma região é fruto de uma invenção, de uma prática discursiva, apoiada em imagens que procuram dar conta de uma generalização intelectual e de uma enorme variedade de experiências vividas”. (ADILSON FILHO, 2009, p. 26).

Passados os últimos anos do governo de Raimundo Aragão, este perde sua liderança política em 1966 a partir de uma manobra considerada politicamente equivocada, pois embora seu capital político continuasse forte, este não poderia candidatar-se a reeleição. Era hora de indicar mais uma vez outro candidato. Segundo o que nos relata o vereador Fernando Aragão:

O que causou a derrota de Raimundo naquela época foi, a palavra. Raimundo antes de começar a questão política em si, de decidir candidatos, Raimundo disse a Gaudêncio Feitosa que era seu compadre, disse: “compadre você vai ser o prefeito de Santa Cruz!”, e aí... Nesse ponto Raimundo era muito... Eu não dizia teimoso, mas ele era seguro com a palavra dele, e aí não viu que a coisa não poderia mais funcionar dessa maneira, só a indicação. Na época surgiu um grupo mais forte contra Raimundo. Por quê? Porque Raimundo desde a época da emancipação que ele vinha comandando os destinos políticos de Santa Cruz do Capibaribe. Tinha botado Pedro Neves, depois ele voltou né? E aí, chegou a hora de nova indicação. Só que aí dentro do próprio grupo de Raimundo já existia algumas correntes né, que achava que Galdêncio como era um homem não muito voltado pra política, era um homem mais requintado lá no seu lugar. Um homem sério de vida muito caseira e tudo mais... Que não juntava né naquela época, e dentro do próprio grupo já existia algumas pessoas que era contra. E aí começaram naquela época a “catucar” o padre pra que o padre saísse candidato né, o padre que fazia mil e um favores, tinha uma vida aqui de ajudas dentro da igreja, a igreja naquela época fazia muito mais coisas sociais né, tudo que o padre dizia que tinha dava ao povo, e dava! Era uma verdade sem critério nenhum né, mas fazia. E era o que o povo queria. Então... Na hora em que Raimundo disse que era Galdêncio, depois algum grupo, inclusive o padre que era muito amigo do coletor daqui, que era Joãozinho Coletor que era amigo de Raimundo, foi até... Na conversa disse Raimundo: “num bota Gaudêncio não”. Ele disse: “Joãozinho Coletor, eu dei minha palavra e tá dada! Meu candidato se chama Galdêncio Feitosa e é o prefeito de Santa Cruz”! Só que aí o movimento cresceu, como não foi colocado Joãozinho coletor que apaziguava tudo isso, então o padre, depois muita gente foi lá botou na cabeça do padre sair candidato e botar Joãozinho coletor como visse e ganharam as eleições. Quer dizer, uma parte de teimosia naquela época, de Raimundo, mas acima de tudo. A palavra que ele tinha dado a Gaudêncio. Além né... Porque você sabe que na política hoje você diz alguma coisa mas aí depois as circunstâncias os acordos, as coisas podem até se voltar atrás e tentar uma nova junção. Naquele caso de Raimundo, como a palavra dele era uma palavra forte, uma palavra que não voltava atrás, então infelizmente nesse ponto ele deixou se levar por essa questão e perdeu porque entrou a maior liderança de Santa Cruz em termos sociais, o povo de fato adorava o padre pelas coisas que ele fazia, e aí, perdemos as eleições.(ARAGÃO, ENTREVISTA, 2015).

A partir de tais conjunturas, entendemos que não fora simplesmente uma questão de “segurar a palavra”. O que se pode entender também a partir dessas ações, é que Raimundo

Aragão queria permanecer como liderança dentro do seu grupo e que, colocando Galdêncio Feitosa, uma pessoa considerada politicamente inexpressiva, manteria as estruturas dentro do seu grupo. A nossa conclusão se baseia também na informação de que Joãozinho Coletor era considerada uma pessoa articulada politicamente, o que não vinha a atender aos interesses de Raimundo Aragão.

Passada a eleição de 1966, o Pe. José Pereira de Assunção, Pe. Zuzinha como ficou popularmente conhecido, constrói um poder simbólico baseado no assistencialismo. Seu governo em termos de infraestruturas, não teve grandes significâncias. Mas em termos de construção ideológica político-partidária, foi o que mais se destacou, já que, a partir do assistencialismo e estratégias simbólicas de poder, conseguiu construir uma fidelidade partidária com os seu eleitorado de uma maneira tão significativa, que seu poder simbólico rendeu ao grupo denominado “boca preta” um domínio de 24 anos interruptos no governo desta cidade, pois mesmo depois da sua morte em 05 de outubro de 1983, foram construídos vários lugares de memória em sua homenagem<sup>37</sup>. Tais lugares de memória davam aos políticos que os criavam, uma “representatividade” do Pe. Zuzinha em Santa Cruz do Capibaribe. Isso fez com que os mesmos se beneficiassem com essas ações, com sucessivas vitórias nas eleições municipais.

---

<sup>37</sup> Sobre essas os lugares de memória ler: JULIÃO, Gilson José. **Cultura política em torno da figura de Padre Zuzinha em Santa Cruz do Capibaribe-PE (1968-1986)**. 2010.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tais informações, concluímos que, o capital simbólico constituído entre o processo de emancipação e posteriormente nos primeiros anos do governo de Raimundo Aragão em Santa Cruz do Capibaribe, caracterizou-se como uma permanência, e pôde ser configurado como uma longa duração, além de poder ser caracterizado numa perspectiva da história local, como uma “cultura política”, algo que emerge do seu próprio povo. Vimos que a ideologia partidária em Santa Cruz do Capibaribe nasce a partir de um sentimento de pertencimento a grupos divergentes ideologicamente. Posteriormente após chegar ao poder, a figura de Raimundo Aragão, a partir de suas ações, irá contribuir ainda mais para formação dessas ideologias partidárias.

Não chegamos a analisar de uma maneira detalhada as continuidades desses embates no governo de Pe. Zuzinha que é considerado para o grupo “boca preta” a maior liderança da história do partido até os dias de hoje, já que rendeu a este grupo uma representatividade de 24 no poder sem nenhuma interrupção. Embora Julião (2010) tenha contribuído de uma maneira espetacular para se entender como se constituiu a “cultura política em torno da figura do Pe. Zuzinha”, deixamos aqui a sugestão para novas pesquisas entorno de Pe. Zuzinha, principalmente nessa perspectiva político-partidária construída a partir da teoria do poder simbólico de Bourdieu (1989), já que assim como Raimundo Aragão construiu sua representatividade política dentro do partido “Cabecinha”, o Pe. Zuzinha construiu seu capital simbólico dentro do partido “boca preta”, de uma maneira diferente, desta feita, estruturando tal poder a partir de práticas assistencialistas.

Muitos foram os embates político-partidários destrinchados a partir destes dois grupos. Sobre eles a história política de Santa Cruz do Capibaribe se constituiu, tendo nela vários personagens que juntamente com suas particularidades adicionaram novas características aquelas velhas práticas.

Relacionado essas questões com a atualidade podemos perceber que embora as nomenclaturas das facções político-partidárias tenham sofrido algumas modificações adaptando-se ao tempo de acordo com seus novos líderes, a ideologia partidária permanece viva no imaginário social. Na prática, podemos enxergá-la nas tradições familiares dentro de cada partido. É comum, famílias inteiras dos lares santa-cruzenses direcionarem seus votos a uma dessas alas partidárias, e essa herança ideológica vem, na maioria das vezes, dos

patriarcas dessas famílias, que fundamentaram suas posições políticas durante o período estudado.

Considera-se importante estudar tais fenômenos políticos pelo fato de que, na atualidade, políticos que vem de outras regiões do estado de Pernambuco e do Brasil inteiro durante campanhas eleitorais se impressionam com a maneira aguerrida e dedicada que nosso povo se envolve nos períodos eleitorais. Mas não são somente em períodos eleitorais, todos os dias as redes sociais tornam-se verdadeiros campos de batalhas ideológicas desses de pessoas que estão ligadas a um desses dois partidos. Todas as manhãs as rádios santacruzenses têm programas voltados para as questões políticas locais e suas ligações com a política estadual e nacional, e segundo pesquisas feitas nos últimos dias, são os programas que lideram a audiência, entre estes temos: Rádio Debate na Polo FM, Opinião na rádio Comunidade FM, Direto ao Ponto, programa que vai ao ar em cadeia nas rádios Vale do Capibaribe e Comunidade FM, IGM em Ação na rádio IGM, Comando Geral na rádio São Domingos FM, além do Programa Oposição em Ação aos fins de semana rádio Polo FM. Todos falando de política, principalmente a que diz respeito a Santa Cruz do Capibaribe. Nesse caso, tentar entender as tramas vivenciadas no período inicial nos faz entender de uma maneira mais crítica muitas das tramas políticas locais na atualidade dentro desse contexto. Por isso é interessante nos referenciarmos mais uma vez o que nos propôs Adilson Filho (2009): Na contemporaneidade, somos instados a reconhecer que fazemos parte de uma engrenagem que nos atravessa por todos os lados, do macro ao micro. (ADILSON FILHO, 2009 p. 79). Nessa perspectiva, entendemos que fazemos parte dessa engrenagem, que teve sua estruturação no passado, e que de diferentes maneiras se ressignificou e permanece imbuída nas tramas políticas da atualidade.



**REFERÊNCIAS:**

ALBERTI, Verena. **Manual de História**. 3º edição. Fundação Getúlio Vargas.

\_\_\_\_\_. Histórias dentro da história. In: **PINSKY**, Carla Bassazzeni. (org). **Fontes Históricas**. – São Paulo: Contexto, 2005. (p.155-201).

ADILSON FILHO, José. A oligarquia dos Mendonça. In: **A cidade atravessada: velhos e novos cenários da política belo-jardinense (1969 – 2000)** Recife, 2002. Dissertação (Mestrado) – UFPE/CFCH

ARAÚJO, Júlio Ferreira. **História de Santa Cruz do Capibaribe**. 2ª. ed. Santa Cruz do Capibaribe. 2008.

BARROS, José D'Assunção. **Projeto de pesquisa em História**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Trad. Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília, Editora Universitária de Brasília, 1982.

BERSTEIN, Serge. Os partidos. In: REMOND, René. **Por uma história política**. 2º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Difel / Editora Bertrand Brasil, 1989.

CITTADINO, Monique. Poder local, memória e cultura política: possibilidades de análise a partir da figura do governador João Agripino (Paraíba - 1966-1971). In: **Saeculum - Revista de História**, ano 13, n. 16 (2007) João Pessoa: Departamento de História/Programa de Pós-Graduação em História/UFPB, jan./jun.2007.

LISBOA, Lindolfo Pereira de. **Padre Zuzinha**. Recife, edições Miriam Regina, 2003.

LISBOA, Lindolfo Pereira de. **Raimundo Aragão: sua vida, suas obras**. Recife, edições Miriam Regina, 1990.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. In: **Projeto História**. nº 10, 1993, p7-28.

PESAVENTO, Sandra J. **História & História cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RÉMOND, René (Org). **Por Uma História Política**. Trad. Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RÉMOND, René. Uma história presente. In: \_\_\_\_\_. **Por Uma História Política**. Trad. Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

\_\_\_\_\_. As eleições. In: \_\_\_\_\_. **Por Uma História Política**. Trad. Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SILVA, Marcondes Moreno. **Ypiranga: memórias de uma paixão em azul e branco**. Santa Cruz do Capibaribe, 2009.

SILVA, Rimário Clismério. **Religião e política em Santa Cruz do Capibaribe: uma análise da trajetória política do Padre Zuzinha**. Monografia apresentada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru – FAFICA. Caruaru, 2008.

GONÇALVES, Hélio Cordeiro. **Patrícios e Cordeiros: a construção de um capital político no município de São Vicente do Seridó-PB (1961-1982)**, 2014.

JULIÃO, Gilson José. **Cultura política em torno da figura de Padre Zuzinha em Santa Cruz do Capibaribe-PE (1968-1986)**. 2010.

ARAGÃO, Raimundo. **Entrevista concedida a Edson Tavares**. 06 de junho 1886. (arquivo do autor)

## 2. Sites

**História Política e a “Nova História”: um breve acerto de contas**. Disponível em: <http://web.unifoa.edu.br/cadernos/edicao/16/45.pdf>. Acessado em: 22 de março de 2015

**A Nova História Política e a questão das fontes históricas**. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Cippus/article/view/324>. Acessado em: 22 de março de 2015.

**LamartineTávora**. Disponível em: <http://www.ptb.org.br/?page=ConteudoPage&cod=16287>. Acessado em: 15junho de 2015

**Santa Cruz do Capibaribe**: Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa\\_Cruz\\_do\\_Capibaribe](https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Cruz_do_Capibaribe). Acessado em: 10 de junho de 2015.

**Prefeitura de Santa Cruz do Capibaribe-PE**: Disponível em: <http://www.santacruzdocapibaribe.pe.gov.br/>. Acessado em: 15 de junho de 2015.

## FONTES

### Fontes orais:

ARAGÃO, Fernando. **Entrevista concedida a Saulo Alves dos Santos.** 11 de junho de 2015.

GÓES, José de Oliveira. **Entrevista concedida a Saulo Alves dos Santos.** 28 de setembro de 2014.

TAVARES, Edson. **Entrevista concedida a Saulo Alves dos Santos.** 26 de maio de 2015.

SANTOS, Severino Celestino. **Entrevista concedida a Saulo Alves dos Santos.** 23 de setembro de 2014.